

IEDA FRAGA SANTOS
ELZA FERREIRA SANTOS

MULHERES

entre ciência e arte



CADERNO PEDAGÓGICO

**IEDA FRAGA SANTOS
ELZA FERREIRA SANTOS**

MULHERES *entre ciência e arte*



CADERNO PEDAGÓGICO



INSTITUTO FEDERAL

Sergipe

Aracaju, 2020

Copyright © 2020 • IFS Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFS

INSTITUTO FEDERAL DE SERGIPE
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT

Editora-chefe (Coordenadora de Publicações)

Vanina Cardoso Viana Andrade

Conselho Científico

Chirlaine Cristine Gonçalves
Jaime José da Silveira Barros Neto
José Wellington Carvalho Vilar
Diego Lopes Coriolano
Herbet Alves de Oliveira
Adeline Araújo Carneiro Farias
Alexandre Santos de Oliveira
João Batista Barbosa
Manoela Falcon Gallotti
Sheyla Alves Rodrigues
Caique Jordan Nunes Ribeiro

Membros Externos

Flor Ernestina Martinez Espinosa
Odélsia Leonor Sanchez de Alsina

Autora

Ieda Fraga Santos

Orientadora

Elsa Ferreira Santos

Ilustrações

Timóteo Alves Cruz

Diagramação

Raphaella E. da Silva Araújo

Editoração

Kelly Cristina Barbôsa

Produção Visual

Jéssika Lima Santos
Júlio César Nunes
Ramiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Santos, Ieda Fraga
S237m Mulheres entre ciência e arte [recurso eletrônico] / Ieda
Fraga Santos, Elza Ferreira Santos. Aracaju: IFS, 2020.
30 p.: il.

Caderno pedagógico
Formato: e-book
ISBN 978-65-87114-04-0

1. Mulher. 2. Feminismo. 3. Ciência. 4. Arte. I. Santos, Elza Ferreira.
II. Título.

CDU: 396

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Kelly Cristina Barbosa CRB 5/1637.

[2020]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS)
Avenida Jorge Amado, 1551. Loteamento Garcia, Bairro Jardins Aracaju/SE.
CEP: 49025-330

TEL.: +55 (79) 3711-3222 E-mail: edifs@ifs.edu.br

Impresso no Brasil

1ª Edição

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
MARIE SKLODOWSKA CURIE	5
A mulher que revolucionou a ciência	6
o caminho do progresso não é rápido nem fácil.....	6
o amor e a ciência - O casal Curie.....	7
Pioneirismo.....	8
Revolução no meio científico.....	9
A dama radioativa sai de cena.....	10
HIPÁTICA DE ALEXANDRIA.....	11
A primeira matemática da história.....	12
A grande mestra.....	13
A perseguição às mulheres “encantadas”	14
MILEVA MARIC EINSTEIN.....	16
A invisível Mileva Maric.....	17
A esposa de Einstein.....	18
As dúvidas tornam tudo relativo.....	19
Esquecida.....	21
FRIDA KAHLO.....	22
Eu pinto a minha realidade.....	23
A tragédia é o mais ridículo que há.....	24
Os significados ocultos nos quadros.....	26
A rainha do autorretrato.....	28
REFERÊNCIAS.....	30

APRESENTAÇÃO



O caderno pedagógico – Mulheres entre Ciência e Arte – é fruto da produção do jogo eletrônico – CieM (Ciência e Mulheres) – lúdico pedagógico a fim de minimizar os estereótipos de gênero que influenciam ou limitam os gostos e projetos ocupacionais/profissionais no âmbito dos cursos do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Sergipe (IFS).

O desenvolvimento do jogo se efetuou concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa de Mestrado do Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT -, intitulada Estudo de relações de gênero e educação profissional: desconstruindo estereótipos para promover a equidade.

Destaca-se, também, que o jogo foi elaborado a partir das observações em sala de aula – mais precisamente na turma do segundo ano do Integrado em Eletrônica do Campus Aracaju do IFS –, nos laboratórios e em relatos registrados em pesquisas sobre educação profissional e mundo do trabalho.

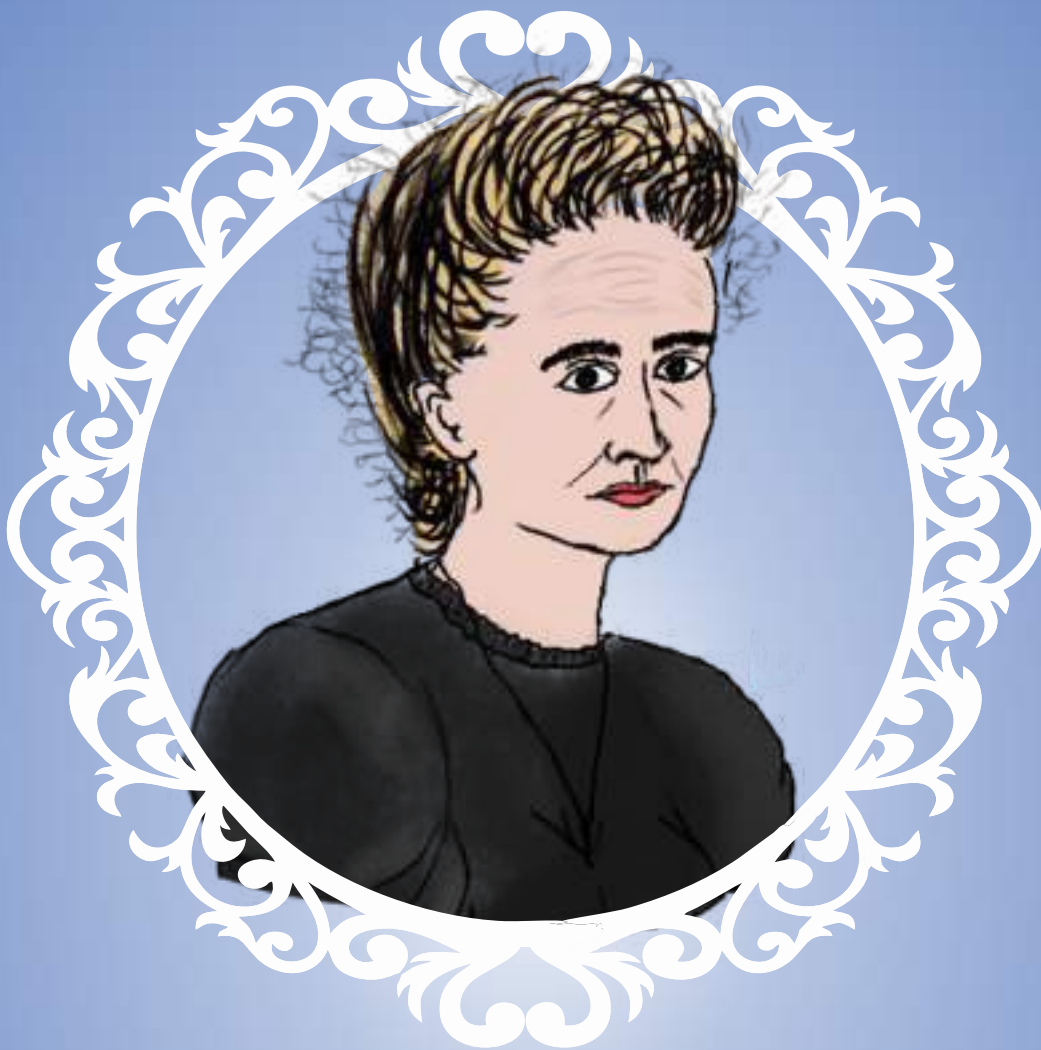
Para a construção das narrativas presentes no game, houve leitura de biografias de quatro mulheres, três cientistas – Hipátia de Alexandria, Mileva Einstein e Marie Curie – e uma artista – Frida Kalho. Posteriormente, ocorreu também a construção das histórias mescladas à ficção das quatro mulheres supracitadas a fim de tornar as histórias adequadas aos moldes de colocá-las no jogo.

Espera-se que essas produções possam transmitir conhecimento em torno das trajetórias das cientistas e artista bem como defender a formação pedagógica que priorize o respeito e a equidade de gênero.

JÁ OUVIU FALAR DE RADIOATIVIDADE?

se sim, legal, você sabe quem foi

Marie Sklodowska Curie



**MARIE CURIE – FÍSICA E CIENTISTA POLONESA
(1867-1934)**

A MULHER QUE REVOLUCIONOU A CIÊNCIA



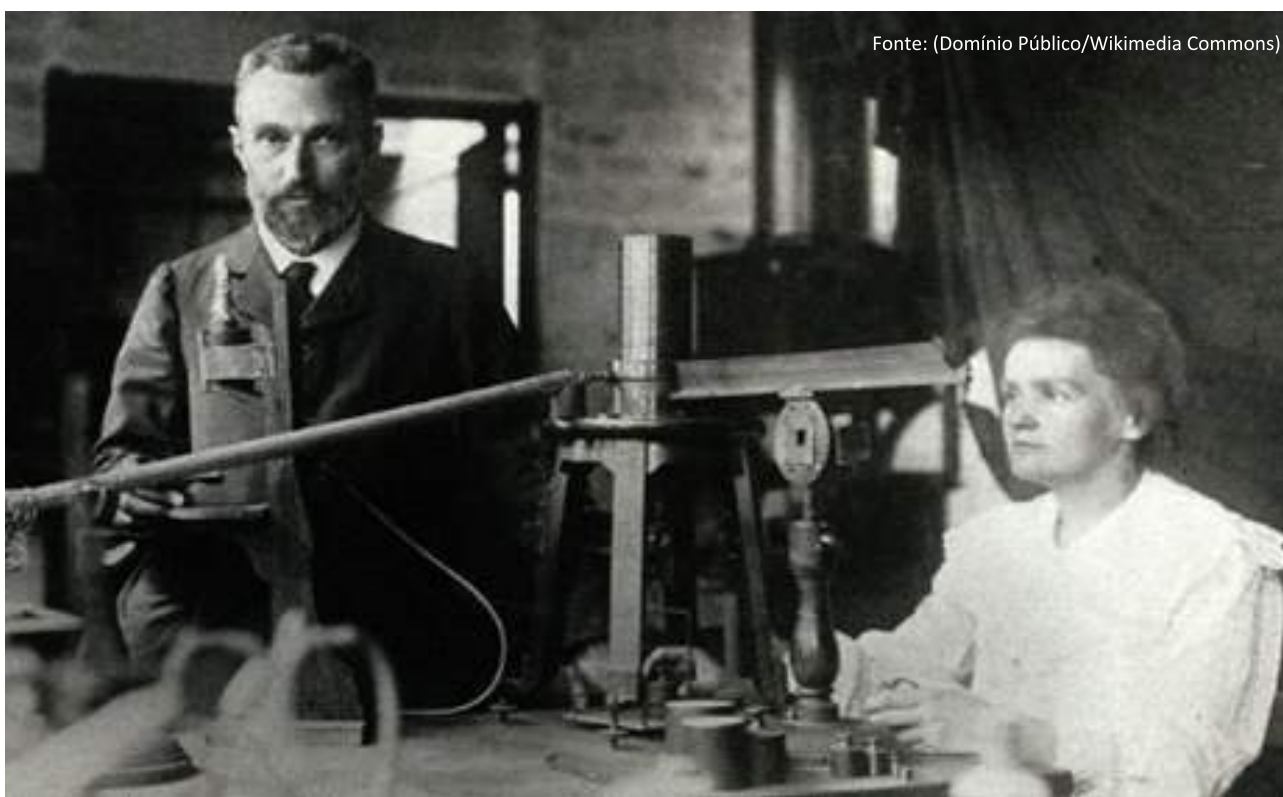
“Marie foi a mulher mais extraordinária do século XX. Suas descobertas lhe valeram dois prêmios Nobel de ciência (feito não igualado por mais de meio século).”
(STRATHERN, 2000, p. 06).

O CAMINHO DO PROGRESSO NÃO É RÁPIDO NEM FÁCIL

Segundo Strathern (2000) Marie Curie, a caçula de cinco filhos, nasceu em 1867 na Varsóvia, no então Reino da Polônia, parte do Império Russo, numa época em que o governo proibia mulheres de frequentar universidades dentro de seu império, para continuar seus estudos, Marie teve que sair do país. Somente aos 24 anos ela teve condições de partir para Paris e matricular-se na universidade de Sorbonne, para estudar física e matemática. Em 1894, já tinha obtido o grau de bacharel nas duas disciplinas. Depois de formada, foi a primeira classificada para o mestrado em Física e, no ano seguinte, a segunda para o mestrado em Matemática. Marie terminou os mestrados e decidiu tentar aquilo que nenhuma mulher havia ainda conseguido: um título de doutora em física, pela Sorbonne Mas não podia fazer doutorado sem orientador, seus problemas acabaram por ser resolvidos quando ela conheceu Pierre Curie, que acabou por se tornar seu orientador e pouco depois seu marido.

O AMOR E A CIÊNCIA – O Casal Curie

Para Pasachoff (1996) o encontro entre Curie e Sklodowska mudou não apenas suas vidas individuais, mas também o curso da ciência. Ambos eram fascinados por metais e ímãs. Juntos partilhavam e discutiam ciência. Acabaram se casando em 26 de julho de 1895. O casal teria duas filhas, Irene (nascida em 1897) e Eve (nascida em 1904). Com seu marido, Marie começou o estudo dos materiais que emitiam radiação a fim de encontrar novos elementos.



Durante o Doutorado, Marie estudou o trabalho de Henri Becquerel sobre os raios emitidos pelo urânio e a partir dele conseguiu desenvolver a teoria da radiação. Ela e o marido desenvolveram uma técnica laboratorial para purificar substâncias e em 1898 anunciaram a descoberta de dois novos elementos, o Polônio (batizado em homenagem a seu país natal) e o Rádio devido a sua radioatividade intensa (PASACHOFF, 1996).

PIONEIRISMO

Pelo trabalho com a radioatividade, o trio (Becquerel, Marie e Pierre Curie) recebeu o Prêmio Nobel em Física em 1903.

Marie se tornava a primeira mulher a ganhar a honraria (STRATHERN, 2000).

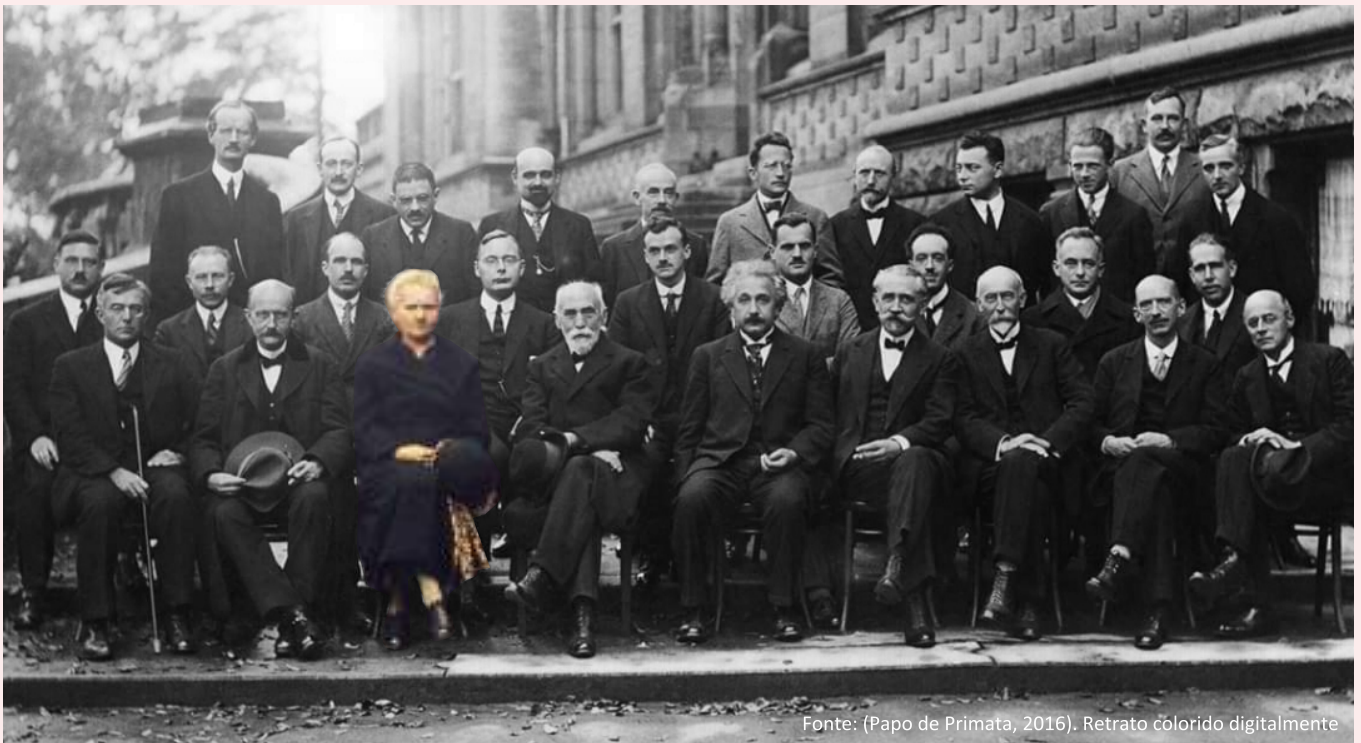
Dois prêmios Nobel

No mesmo ano, Marie finalmente defende sua tese e obtém o título de doutora pela Universidade Sorbonne, em Paris, tornando-se também a primeira mulher a receber o título nesta universidade e a primeira professora na instituição.

Após a morte de seu marido em 1906, Marie continua a estudar a radioatividade, principalmente suas aplicações terapêuticas e, em 1911, recebe outro prêmio Nobel, desta vez em química, por suas investigações sobre as propriedades do rádio e as características dos seus compostos, tornando-se a única pessoa a receber DOIS Prêmios Nobel em categorias científicas diferentes (STRATHERN, 2000).



REVOLUÇÃO NO MEIO CIENTÍFICO



Fonte: (Papo de Primata, 2016). Retrato colorido digitalmente

Marie também participou de todas as Conferências de Solvay até 1933. Esta conferência começou em 1911, em Bruxelas, sem uma periodicidade definida. Nessa ocasião, Curie era a única mulher na conferência de 1911. As discussões nesta reunião dos principais físicos do mundo abriram o caminho para uma nova física que reunisse átomos radioativos, relativos, quânticos e radioativos. Em 1914, ela fundou o Instituto do Rádio, em Paris, que hoje se chama Instituto Curie e se dedica a pesquisas para o tratamento do câncer (PASACHOFF, 1996).

Strathern (2000) reitera que mais do que desvendar os mistérios da radioatividade, Marie Curie desenvolveu rapidamente aplicações médicas para suas descobertas. Durante a Primeira Guerra Mundial, criou unidades móveis de radiografia para serem utilizadas entre os soldados feridos. Por causa dela, o uso dos aparelhos de radiografia, que utilizam os raios-x para auxiliar médicos e enfermeiros no tratamento de pacientes, é usado em larga escala até hoje. Ela foi uma das defensoras mais ferrenhas de que a tecnologia descoberta por Wilhelm Roentgen em 1895 deveria ser usada na medicina. Destacou-se como pesquisadora numa época em que esta área era dominada pelos homens. Foi a partir do seu trabalho que surgiu um enorme interesse pelos fenômenos radioativos e que essa área começou a se desenvolver de fato.

A DAMA RADIOATIVA SAI DE CENA

Com a saúde frágil e quase cega, Marie morreria aos 66 anos, em 1934, vítima de leucemia – Ela finalmente pagara o preço máximo por aqueles longos anos de produção de rádio no galpão. Seus restos mortais estão depositados no Panteão de Paris, sendo mais uma vez a primeira mulher a receber essa homenagem (PASACHOFF, 1996).

A radioatividade estava conduzindo a ciência para uma nova era. Seu livro *Radioactivité*, que foi publicado após sua morte, é considerado um dos marcos dos estudos sobre a radioatividade, por sinal, e é uma obra estudada até os dias atuais. Mas ninguém pode colocar as mãos no seu livro original: por conta da alta radioatividade a que Curie e seus ambientes de trabalho estavam expostos, o livro físico só pode ser manipulado, até hoje, por pessoas usando roupas e luvas protetoras.



Fonte: (Canaltech, 2019)

Em 1938 a segunda filha de Marie Curie, Eve¹, publicou a biografia oficial da mãe, que se tornou imediatamente um bestseller e uma fonte de inspiração, sendo traduzido para uma vintena de línguas. Nesse volume marcado pela veneração, “Madame Curie” foi esculpida em pedra monumental: uma figura heroica que dera a vida pela ciência (STRATHERN, 2000, p. 50).

HIPÁTIA DE ALEXANDRIA

A matemática contra a intolerância

*Ela se destacou num mundo em que o intelecto
era praticamente propriedade masculina.*



**HIPÁTIA DE ALEXANDRIA – MATEMÁTICA, FILOSÓFA E ASTRÔNOMA
(SÉCULO IV)**

A PRIMEIRA MATEMÁTICA DA HISTÓRIA

"Havia em Alexandria uma mulher chamada Hipátia que fez tantas realizações em literatura e ciência que ultrapassou todos os filósofos da época. Tendo progredido na escola de Platão e Plotino, ela explicava os princípios da filosofia a quem a ouvisse, e muitos vinham de longe receber os ensinamentos", diz o historiador Sócrates, o Escolástico, na História Eclesiástica, escrita no século V.

a filósofa

Dzielska (2009) conta que Hipátia nasceu em Alexandria, Egito, por volta do ano 355 d.C. Era filha do matemático Theon de Alexandria. Criada em um ambiente de ideias e filosofia, tinha uma forte ligação com o pai, que lhe transmitiu, além de conhecimentos, a forte paixão pela busca de respostas para o desconhecido. Ela cresceu e tomou gosto pelos livros, pelos números e pelo céu. Encorajada pelo pai, estudou Matemática e Astronomia na Academia de Alexandria, onde se tornou professora depois. Com o tempo, dominou as mais diversas áreas como filosofia, matemática, astronomia, poesias e artes ficando conhecida como **“A FILÓSOFA”**.



“A GRANDE MESTRA”

Dzielska (2009) descreve que além de estudar matemática e astronomia, Hipátia começou a dar aula para crianças e jovens. Ela fazia comentários a obras de importantes pensadores e ensinava em sua casa para vários alunos.

De acordo com uma carta escrita por um de seus alunos, ela desenvolveu um hidrômetro (instrumento para medir o peso específico dos líquidos) e um Astrolábio (espécie de calculadora astronômica portátil utilizada até o século XIX) (DZIELSKA, 2009).

Além disso, as palestras públicas de Hipátia atraíam a atenção popular. Ela fazia aparições em torno do centro da cidade, expondo-se em público para aqueles que queriam ouvir sobre Platão e Aristóteles. Mesmo com os confrontos religiosos, entre os judeus e os cristãos, a professora realizou pesquisas sobre os planetas, concluindo que sua órbita se dava através de movimentos em forma de eclipses e não círculos. Obcecada pelo processo de demonstração lógica, quando lhe perguntavam por que jamais se casara, respondia que já era casada com a verdade (DZIELSKA (2009, p. 41).

A PERSEGUIÇÃO ÀS MULHERES "ENCANTADAS"

Dzielska (2009) menciona que a intelectual, professora carismática que inspirou alguns dos grandes cérebros de seu tempo, tinha forte influência em diversas esferas da vida pública. O prefeito da cidade, Orestes, indicado por Roma, a consultava antes de muitas de suas decisões. Por isso mesmo, ela tornou-se um obstáculo para a sede de poder de Cirilo, bispo de Alexandria, inimigo político do também cristão Orestes e, possivelmente, o mentor do assassinato da filósofa. Por defender o racionalismo científico, a matemática foi acusada de blasfêmia e sentimentos anticristãos. Como resultado destes boatos, num dia em que voltava para casa numa carruagem, Hipátia foi detida por um grupo enorme de monges, arrastada para dentro da igreja e torturada até a morte. Seu corpo foi esquartejado e queimado.



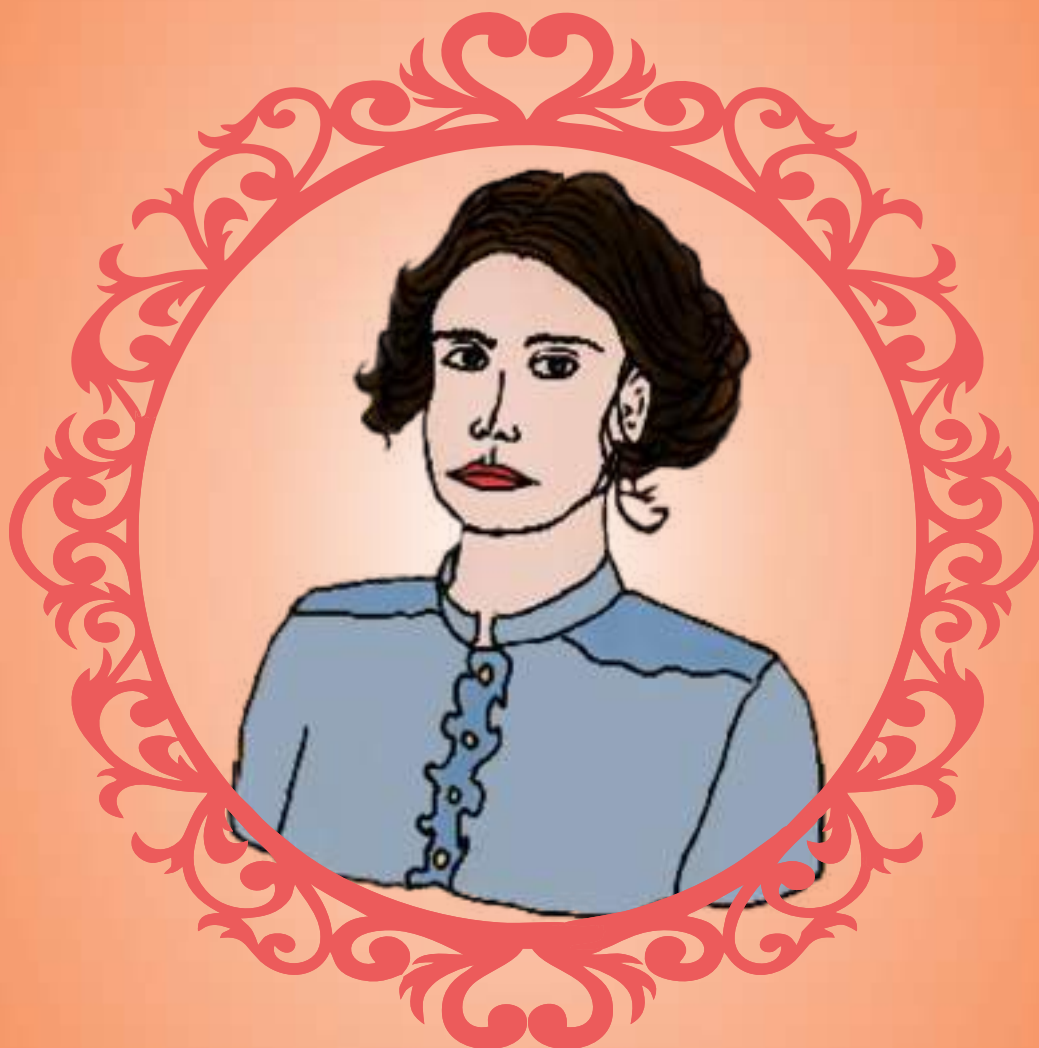
Era o fim da trajetória impressionante da primeira mulher matemática da História e uma das principais filósofas da Antiguidade. Considerada a primeira mulher matemática da humanidade, ela ganhou um filme para contar a sua história: *Ágora* – no Brasil recebeu o título de *Alexandria* – que estreou em 2009. (<https://www.youtube.com/watch?v=OD2VWJ97Fvg>).



Fonte: Capa divulgação do filme

MILEVA MARIC EINSTEIN

SUA PARTICIPAÇÃO NA FÍSICA FOI ESQUECIDA?



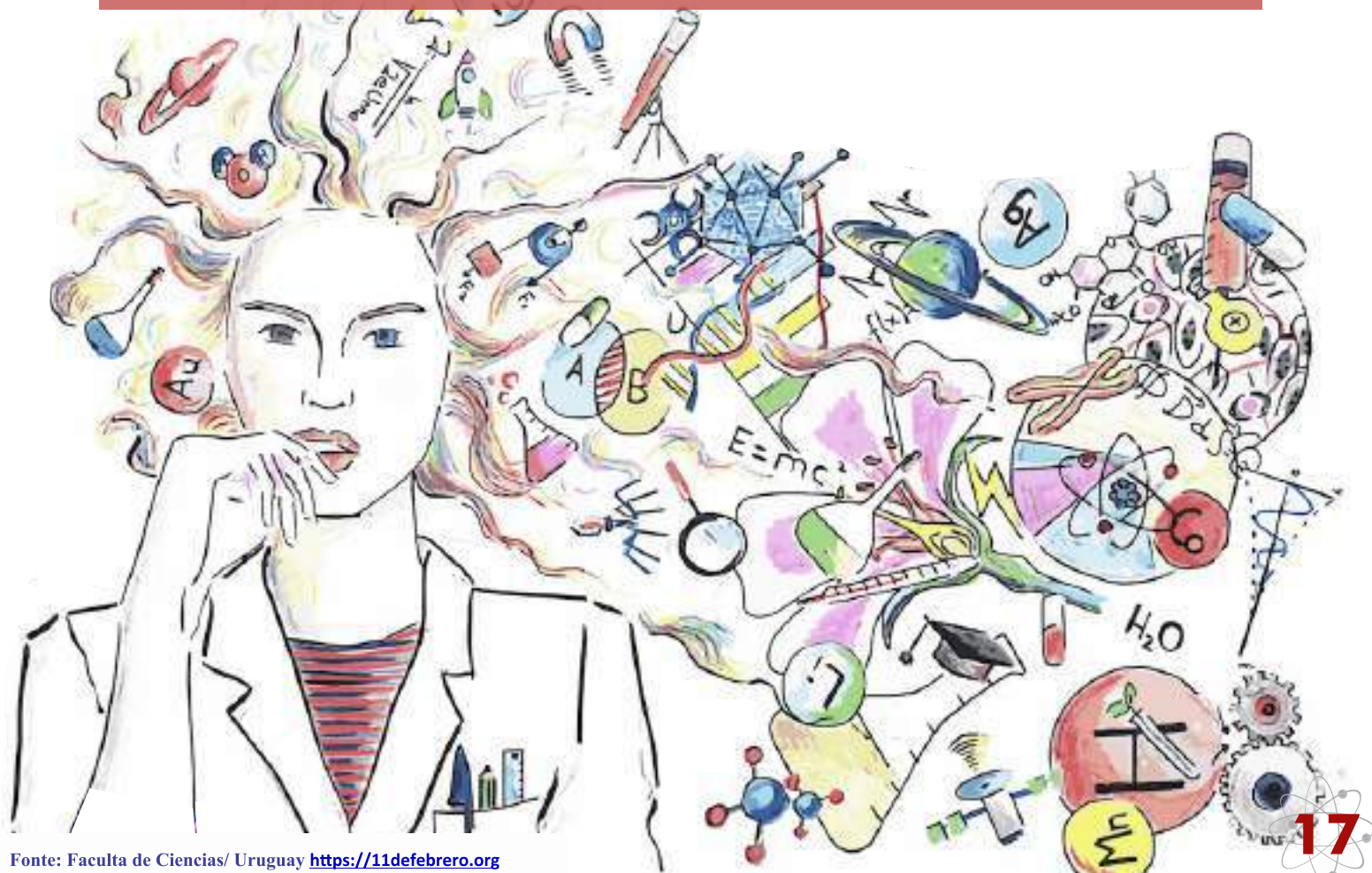
MILEVA MARIC EINSTEIN
(1875-1948)

"A INVISÍVEL MILEVA MARIC"

Assim como Benedict (2017) muitos pesquisadores levantam dúvidas sobre a contribuição da primeira esposa de Einstein para a Teoria da Relatividade. Mileva Maric Einstein foi uma das primeiras físicas do mundo a enfrentar um sistema tradicionalmente machista para poder estudar. Mas, como é quase praxe na história das mulheres que tentam se dedicar à ciência, ela foi afastada dos estudos pelo casamento e o nascimento de outros filhos.

Benedict (2017) relata que Mileva Maric – ou Mitza, como gostava de ser chamada – nasceu de uma família rica da Sérvia em 1875. Desde a nascença apresentava uma deficiência nas pernas pela qual foi obrigada a viver toda a sua vida. Contudo, desde cedo, ficou óbvio que tratava-se de uma menina diferente das outras meninas. Mais inteligente, talvez? Mileva se saía feito gênio em Matemática e Ciências e tinha muita facilidade em aprender outras línguas.

Encorajada pelo pai, ela se mudou para Zurique, na Suíça, para estudar Matemática e Física no Instituto Politécnico de Zurique. Era a única mulher na classe de seis alunos e a quinta a ingressar no curso, o que mostra que devia ser incrivelmente talentosa para superar as restrições ao ingresso de mulheres. Lá, ressuscitou os sonhos de um futuro feliz e, imaginara um refúgio do mundo, onde poderia ser fiel ao intelecto.



"A ESPOSA DE EINSTEIN"



Mileva Maric e Albert Einstein
Fonte: Domínio Público

Benedict (2017) conta que Mileva continuou os estudos e logo chamou a atenção dos colegas de sala pela sua inteligência e dedicação, especialmente do jovem Albert Einstein. Os dois se tornaram inseparáveis colegas de estudos. Ela o ajudava a resolver teoremas matemáticos, juntos, compartilhavam um amor pela ciência. Mileva seguia se destacando nos estudos e isso fascinava o jovem Einstein; com o tempo os dois se aproximaram ainda mais. Mileva estava ciente que o romance poderia atrapalhar seus estudos, mas depois de muitas investidas, em 1898, Mileva e Einstein se tornaram um casal. Nascia assim um envolvimento entre mentes e corações. Einstein prometeu que o amor deles jamais atrapalharia os sonhos profissionais dela.

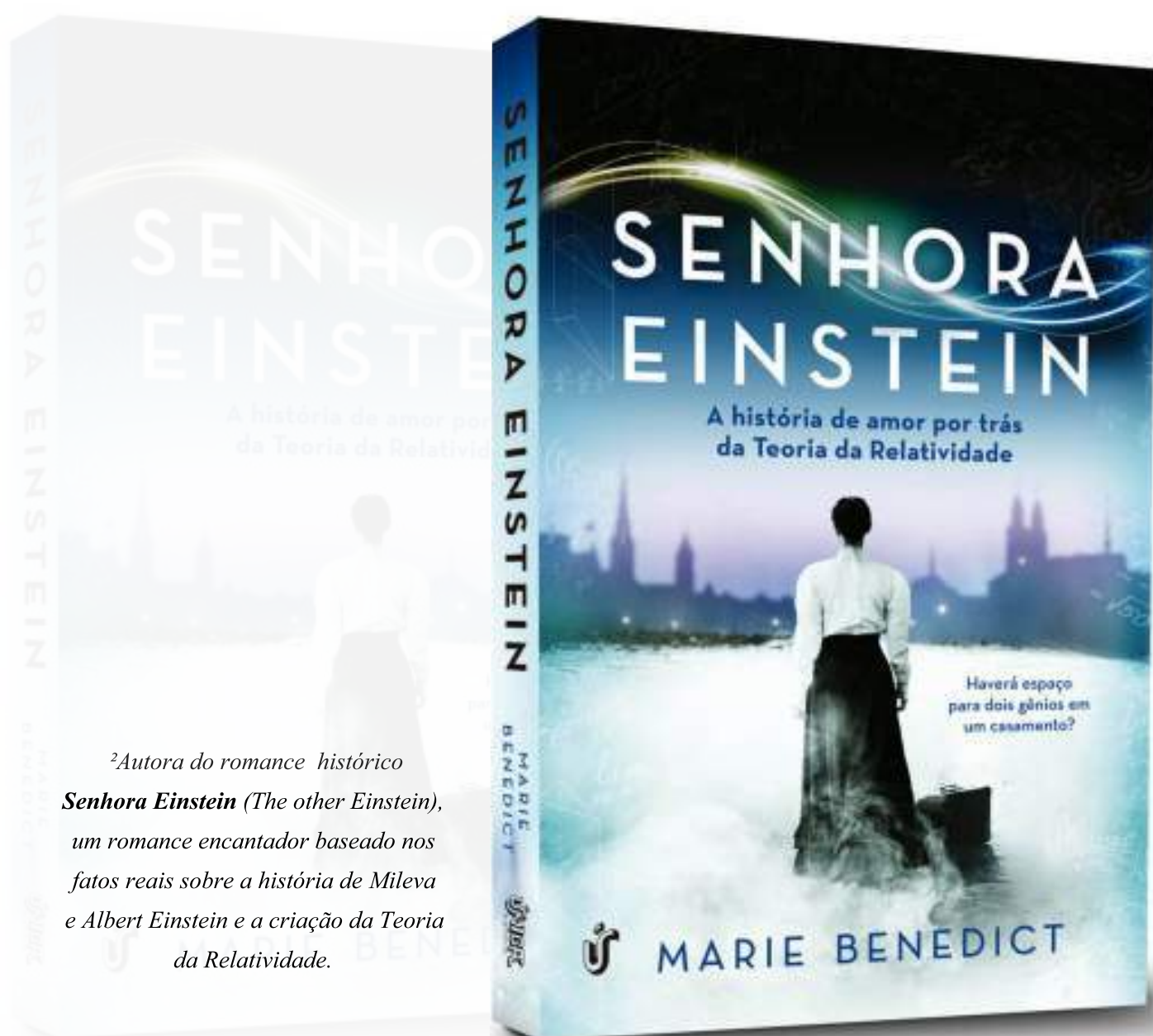
Seu equívoco foi ter acreditado em Einstein, que a convencera de que ele a queria como uma parceira em todos os aspectos da vida. Grávida da primeira filha dele, Maric falhou em seus exames finais. Einstein se formou, procurou trabalho e nesse período publicou uma série de artigos, apresentou sua teoria da relatividade e a famosa fórmula $E = mc^2$

“AS DÚVIDAS TORNAM TUDO RELATIVO”

Benedict (2017) aponta que o estudo mais cuidadoso das cartas trocadas entre Einstein e sua primeira esposa dão indícios de que ela pode ter contribuído muito mais para as teorias do famoso cientista do que se acredita, inclusive, levantam uma polémica, que possivelmente nunca será desvendada, sobre em qual dos Einstein deve recair o mérito na descoberta da Teoria da Relatividade.



Há versões inclusive romantizadas da história que atribuem toda a inspiração da Teoria da Relatividade ao luto vivido por Maric após a perda da primeira filha do casal, como contado em *Senhora Einstein: A história de amor por trás da Teoria da Relatividade*, de Marie Benedict² (Única Editora). As 43 cartas entre os dois que foram preservadas mencionam "nossos trabalhos" e "nossa teoria do movimento relativo", "nosso ponto de vista" ou "nossos artigos", entretanto, ele não menciona o nome dela como coautora. Como narra a autora, Einstein nunca se importou em ajudá-la a cuidar dos filhos para que ela pudesse retomar seus estudos. Em troca de uma família com Einstein, Maric recusou seu papel no mundo da ciência.



²Autora do romance histórico *Senhora Einstein* (*The other Einstein*), um romance encantador baseado nos fatos reais sobre a história de Mileva e Albert Einstein e a criação da Teoria da Relatividade.

“ESQUECIDA”

Segundo Benedict (2017), Einstein não teria dado à esposa qualquer reconhecimento ao longo da vida. A ideia de que eram um só, só beneficiava ele mesmo. Estava bem claro que eles podiam ser os “Einstein”, mas os corações eram muito diferentes. A relação não resistiu e o casamento foi por água abaixo. O acordo de divórcio incluía uma cláusula em que o cientista aceitava repassar todo o dinheiro ganho com um possível Prêmio Nobel. Em 1921, o prêmio veio e Mileva enriqueceu. Quem sabe, não se reparava ali uma injustiça histórica? Fato é que enquanto Einstein seguiu podendo se dedicar integralmente à pesquisa, Mileva precisou abdicar da carreira pela família e passou seus últimos anos cuidando dos filhos, um deles diagnosticado com esquizofrenia.



A VIDA DE FRIDA

O TRÁGICO, OS AMORES E O BELO



**FRIDA KAHLO – PINTORA MEXICANA
(1907-1954)**

FRIDA KAHLO: “EU PINTO A MINHA REALIDADE”

Magdalena Carmen Frida Kahlo Calderón, nasceu em Coyoacán, México, no dia 06 de julho de 1907, em sua casa, chamada por ela de Casa Azul, hoje Museu Frida Kahlo. Desde seu nascimento teve que lutar contra um problema de saúde que marcou toda a sua vida. Alguns dizem que foi poliomielite, mas muitos pesquisadores acreditam que Frida Kahlo nasceu com espinha bífida, uma condição que afeta o desenvolvimento da coluna vertebral.

A doença foi a primeira de muitas enfermidades que complicariam ainda mais a dor e os problemas que ela teve posteriormente na vida. No dia 17 de setembro de 1925, quando Frida tinha dezoito anos de idade, o ônibus que a levava da escola para casa na Cidade do México foi abalroado por um bonde. Ela foi literalmente empalada por uma barra de ferro; sua coluna foi fraturada, a pélvis foi esmagada e ela teve um dos pés quebrados. A partir desse dia e até sua morte, 29 anos depois, ela teve de usar vários coletes ortopédicos de materiais diferentes e conviveu com a dor e a constante ameaça de doenças (HERRERA, 2011, p.12).

Minha mãe pediu a um carpinteiro que construísse um cavalete, se é que dá pra chamar de cavalete o aparato especial que podia ser acoplado à minha cama, porque o colete de gesso me impedia de me sentar. E foi assim que comecei a pintar (HERRERA, 2011, p.86).



Até o acidente, o seu desejo era tornar-se médica, a pintura aconteceu em sua vida como por acaso. Ela diz: “Como era jovem, a desgraça não adquiriu um caráter trágico. Creio que tenho energia suficiente para fazer qualquer coisa no lugar de estudar medicina. Sem prestar muita atenção, comecei a pintar”. (HERRERA, 2011 p.85)

A TRAGÉDIA É O MAIS RIDÍCULO QUE HÁ

O tempo cura (quase) tudo. Três anos após o acidente, Frida passa a estudar desenho e modelagem na Escola Nacional Preparatória do Distrito Federal do México. Lá, Conheceu Diego Rivera, um importante pintor do “Muralismo Mexicano”. Frida aproximou-se de Rivera para mostrar a ele as pinturas que havia feito durante o longo período de convalescença. “Houve dois grandes acidentes em minha vida”, escreveu certa vez ela em seu diário: o terrível acidente que a deixou "quebrada" e a época em que conheceu Rivera (HERRERA, 2011, p. 136), que literalmente se tornou o amor da sua vida.

Herrera (2011) conta que o romance floresceu e, em 1929, os dois se casaram. Foi o primeiro casamento de Kahlo, mas o terceiro de Rivera (ele era muito mulherengo). Logo depois foi com o marido para os Estados Unidos, onde ele realizava exposições. Mas logo veio a tristeza. Em menos de um ano Diego começou a traí-la. Em 1934 eles se separam: Kahlo flagra Rivera numa relação sexual com sua irmã Cristina.

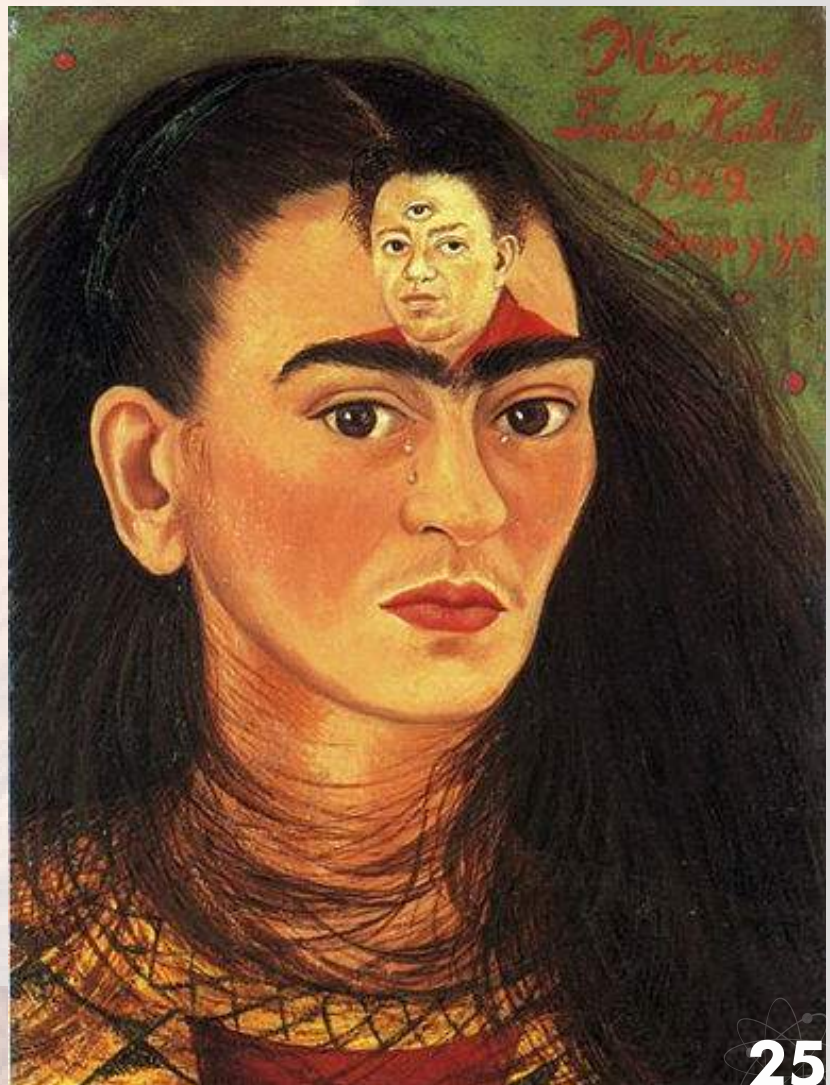


Fonte: Museo Frida Kahlo,
México (1931)

Título: Frieda e Diego

Em seu diário, Frida escreve tudo o que ele representa para ela: “princípio, construtor, minha criança, meu namorado, pintor, amante, “meu marido”, minha mãe, meu pai, meu filho, = a mim, Universo diversidade na unidade” (HERRERA, 2011, p. 459). Ao mesmo tempo, há um grande lamento: “Diego, estou sozinha” (p. 451), ou ainda um momento de dura reflexão: “Porque eu o chamo *meu* Diego? Ele nunca foi nem nunca será meu. Ele pertence a si mesmo” (HERRERA, 2011, p. 459). Alguns meses depois mantiveram o casamento, mas com independência para ambos. Graças à voracidade de Rivera por publicidade, seu casamento com Frida passou a fazer parte do domínio público: cada aventura do casal, seus amores, batalhas e separações eram descritos com riqueza de detalhes pela imprensa ávida. Os dois só eram chamados pelos prenomes. Todo mundo sabia quem eram Diego e Frida. Ele era o maior artista do mundo; ela às vezes era a sacerdotisa rebelde no templo dele. Intensa, inteligente e sexy, ela atraía os homens (teve inúmeros amantes) e mulheres (há evidências de que teve romances lésbicos também) (HERRERA, 2011, p. 11).

Em algumas telas, Frida registrou as vicissitudes de seu matrimônio. Em *Diego e eu*, o desespero de Frida com os flertes e namoricos de Rivera é quase histérico. O retrato do marido está alojado na testa, mas ele mesmo está em outro lugar, e Frida parece estar se estrangulando no redemoinho de seus próprios cabelos — uma mulher se afogando na solidão (HERRERA, 2011, p. 437).

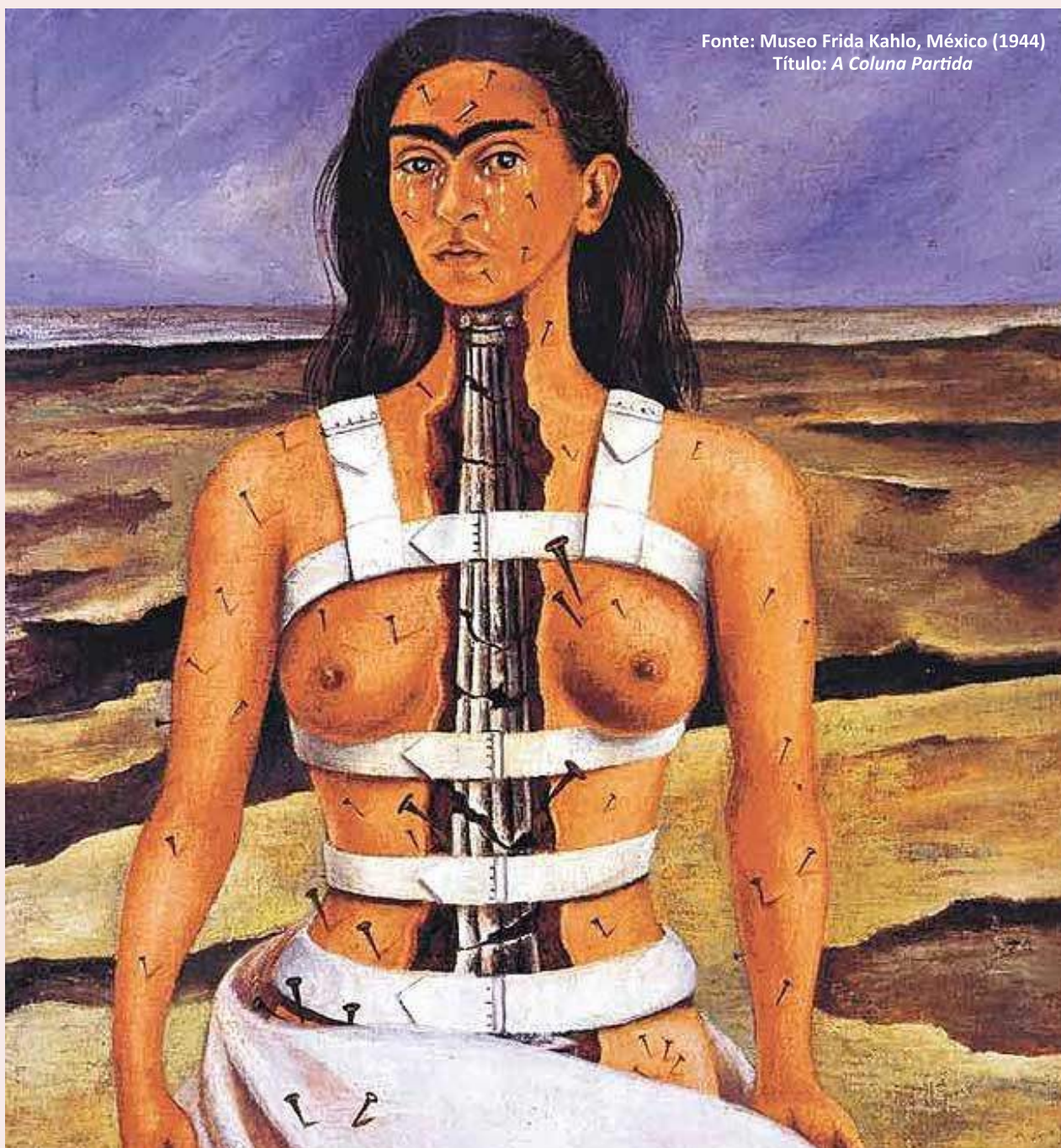


OS SIGNIFICADOS OCULTOS NOS QUADROS

As representações de dor e sofrimento abundam na obra de Kahlo. A Artista sofreu vários abortos, que frustraram seu grande desejo de ser mãe – a fratura na pélvis resultou numa sucessão de abortos espontâneos e pelos menos três abortos cirúrgicos – o sentimento de estar aos pedaços pode ser visto de modo claro no seu quadro *Henry Ford Hospital* (1932) no qual se retrata deitada em seu leito do hospital, sangrando de hemorragia no único lençol. Uma enorme lágrima goteja e escorre pela bochecha, a barriga ainda está inchada da gravidez. Com a mão junto à barriga inchada, Frida sustenta no ar seis fitas vermelhas, semelhantes a veias, em cujas extremidades flutua uma série de objetos simbólicos de suas emoções no momento do aborto. Um deles é um feto; a fita que prende o feto a Frida leva a seu umbigo e obviamente representa o cordão umbilical do bebê (HERRERA, 2011, P. 181).



O corpo doente, ferido, dilacerado, quebrado aparece em vários de seus autorretratos. De todas as pinturas de Frida, aquela que ilustra de maneira mais poderosa essas qualidades é *A coluna partida* (ilustração xxviii), pintada em 1944, logo depois que ela havia sido submetida a uma cirurgia e estava confinada, como estivera em 1927, a um “aparato”. Aqui a impassibilidade resoluto de Frida cria uma tensão insuportável, um sentimento de paralisia. A angústia é intensificada por pregos enfiados em seu corpo nu (HERRERA, 2011, p.100). Uma fenda que lembra as fissuras provocadas por um terremoto rasga seu torso, cujas duas metades são mantidas unidas por um colete ortopédico de aço, um símbolo do aprisionamento da inválida. O corpo aberto alude à cirurgia e à sensação de Frida de que, sem o colete de aço, ela literalmente se despedaçaria (HERRERA, 2011, p.101).



A RAINHA DO AUTORRETRATO

Quem diria que as limitações vivem e ajudam a viver... Um dia foi convidada para expor em uma galeria famosa em Nova York. Sua exposição foi bem, e metade dos quadros foi vendida. Daí em diante começou a viver por conta própria e a ser reconhecida pela sua obra. A moda parisiense se interessou por ela e o Louvre achou por bem comprar *A moldura*, charmoso retrato de Frida com os cabelos enfeitados por uma fita verde-amarelada e encimada por uma enorme flor amarela, que hoje integra a coleção do Musée National d'Art Modern, Centro Georges Pompidou (HERRERA, 2011, p. 305).

Mas a calma foi temporária... A dor e o cansaço voltaram, começou a perder peso, e em certos dias sentia sua mão direita atrofiada. Nas últimas páginas do diário de Frida, há estranhas figuras femininas aladas, desenhadas de maneira muito mais caótica do que os autorretratos alados de meses anteriores. A anotação final é um desenho de um anjo negro nos céus — certamente o anjo da morte. As últimas palavras de seu diário revelam, com tremenda pungência, sua vontade de olhar com alegria as realidades mais tristes e desanimadoras: “Espero a partida com alegria — e espero nunca mais voltar — Frida”. Essas palavras e seus derradeiros desenhos sugerem que Frida cometeu suicídio, embora oficialmente sua certidão de óbito registre embolia pulmonar como a causa da sua morte em 13 de julho de 1954 (HERRERA, 2011, p. 520). Quase 60 anos após a morte da artista mexicana, com imagem feita pelo fotógrafo Nickolas Muray, Frida estampou pela primeira vez a capa de uma revista de moda como um ícone (Vogue). Não restam dúvidas: A mexicana Frida Kahlo é hoje uma das artistas mais populares do mundo todo. Seus quadros atingem valores recordes, e seu rosto é reconhecido em todo o planeta.



O último quadro que Frida pintou está pendurado na sala de estar (ilustração xxxv). Na tela, em cujo pano de fundo há um céu azul brilhante dividido em duas metades, uma mais clara, outra mais escura, há melancias, a fruta mais amada do México, inteiras, cortadas ao meio, divididas em quatro, esculpidas, aos pedaços. Oito dias antes de morrer, quando suas horas finais enegreciam de calamidade, Frida Kahlo mergulhou o pincel em tinta vermelho-sangue e inscreveu seu nome, a data e o local de execução da tela — “Coyoacán, México” — ao longo da polpa carmesim da fatia em primeiro plano. Depois, em letras maiúsculas, escreveu sua derradeira saudação à vida: *viva la vida* (HERRERA, 2011, p. 531).

Fonte: Museo Frida Kahlo, México (1954), Título: *Viva la Vida*.



REFERÊNCIAS

ÁGORA. Direção Alejandro Amenábar. Produção: Álvaro Augustín; Fernando Bovaira; Simón de Santiago; José Luis Escolar; Jaime Ortiz de Artiñano. Distribuidora Mod Producciones, Espanha 2009.

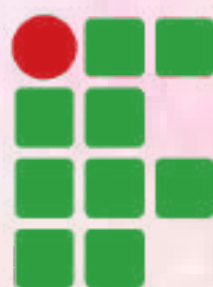
BENEDICT, Marie. Senhora Einstein: a história de amor por traz da Teoria da Relatividade/Marie Benedict; tradução de Amanda Moura. – São Paulo: Editora Gente, 2017.

DZIELSKA, Maria. Hipátia de Alexandria. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 2009.

HERRERA, Hayden. Frida: a biografia / Hayden Herrera; tradução Renato Marques. – São Paulo: Globo, 2011.

PASACHOFF, N. Marie Curie and the science of radioactivity. Oxford University Press, 1996. Disponível em: < <http://www.aip.org/history/curie/contents.htm> > Acesso em: 17 ago. 2019.

STRATHERN, Paul. Curie e a radioatividade em 90 minutos. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.



INSTITUTO FEDERAL
SERGIPE

